

“Voz é emoção, é personalidade”: a história de um Licenciando em Música

Teresa Mateiro

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

teresa.mateiro@udesc.br

Dyane Rosa

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

dyanerosa@gmail.com

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como objetivo principal investigar como as atividades cantadas são desenvolvidas pelos estagiários nas aulas curriculares de música, em escolas de educação básica da rede pública de ensino. As técnicas para a coleta de dados são: questionário, entrevistas narrativas, observações não participantes e documentos. Para este trabalho são considerados os dados extraídos do Projeto Político Pedagógico de um curso de Licenciatura em Música de uma Universidade ao sul do Brasil e de uma entrevista narrativa realizada com um estagiário. A discussão dos dados é abordada a partir das seguintes categorias temáticas: a representação do bom professor, a trajetória acadêmica em canto e o processo da redescoberta vocal.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado; Formação vocal; Atividades cantadas.

Introdução

Este artigo é um recorte de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo principal investigar como as atividades cantadas são desenvolvidas pelos estagiários nas aulas curriculares de música de música, em escolas de educação básica da rede pública de ensino. Revisando a literatura foi possível constatar que existem poucas pesquisas na área da pedagogia do canto durante a formação docente. Destacam-se dois trabalhos: (a) a investigação de Mateiro (2011) que trata sobre a preparação de professores de música que, ao relatar uma aula de expressão vocal de um curso de licenciatura, analisa os processos de ensino e aprendizagem; e (b) o relato de experiência de Guizado e Moreira (2016) referente à importância da utilização da voz cantada na prática pedagógico-musical dos licenciandos em música.

A questão que tem norteado esta pesquisa é: De que forma os estagiários de Licenciatura em Música desenvolvem atividades cantadas em sala de aula? Para responder a

essa pergunta, os procedimentos metodológicos adotados contemplam as seguintes técnicas de coleta de dados: questionário (GIL, 2008), aplicado via formulário do Google Forms, aos estagiários matriculados na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado; entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2004), com registro em áudio, com licenciandos que em sua prática de estágio têm a voz cantada como principal atividade; observações não participantes (FLICK, 2009), com registro em vídeo, das aulas desses estagiários; e, documentos¹, como o Projeto Político Pedagógico do Curso e o Projeto de Estágio.

Para este trabalho serão considerados os dados extraídos do Projeto Pedagógico de um curso de Licenciatura em Música de uma universidade ao sul do Brasil e de uma entrevista narrativa realizada com um estagiário. As demais coletas estão previstas para serem efetuadas no decorrer do segundo semestre de 2019.

Pesquisas (auto)biográficas

Na área da educação musical, as pesquisas (auto)biográficas surgem a partir do ano 2000 e os termos que vem sendo empregados são: autobiografias musicais, narrativas musicais, (auto)biografias musicais (TORRES, 2003; 2004; 2017), musicobiografização (ABREU, 2017) e biografia músico-educativa (ALMEIDA, 2019). É importante sublinhar os trabalhos do Grupo de Pesquisa NarraMus, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que há quase duas décadas dedica-se ao estudo das narrativas de si como metodologia de pesquisa e estratégia de ensino para a formação inicial e continuada de professores de música (LOURO-HETTWER; TEXEIRA; RAPÔSO, 2014).

Destacam-se também os estudos de Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres (2003, 2004, 2017) e de Delmary Vasconcelos de Abreu (2011, 2015, 2017) e seus respectivos orientandos. Na maioria dos trabalhos consultados, a narrativa tem sido explorada como forma de relato por meio da entrevista narrativa. Esta, como modelo de conhecimento e apresentação de experiências, tem sido um método de geração de dados que estimula um

¹ Para garantir o anonimato, optamos por não identificar a universidade.

entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento (FLICK, 2009; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2004).

O estudo com narrativas e narratividade é infinito em sua variedade (entrevistas, relatos escritos e orais, contos, portfólios, diários, histórias em quadrinhos, conversas, poemas, pinturas etc.), pois é através da narrativa que, conforme destacam Jovchelovitch e Bauer (2004, p. 91), “as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”. Passeggi e Sousa (2016, p. 9) questionam sobre o tipo de conhecimento que “é possível gerar com bases nessas narrativas de si e qual é a sua relevância para a investigação científica”, destacando a contribuição para “a construção de novas formas de se conceber a pessoa humana e os meios de pesquisa sobre ela e com ela”.

Delineamentos metodológicos

Contexto dos participantes

O curso de Licenciatura em Música onde estão inseridos os estudantes, participantes desta pesquisa, possui carga horária total de 432 h/a para o estágio. A partir do quinto semestre, o licenciando deve cumprir as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado I, II, III e IV, sendo que os primeiros dois estágios devem ocorrer em espaços não escolares enquanto os dois últimos em escolas da rede pública de ensino. As disciplinas onde o estudante tem mais contato com questões relativas ao canto são: Prática Coral I a VI, Prática de Regência I a IV e Grupos Musicais - Expressão Vocal I a VI. Apenas os dois semestres de cada uma dessas disciplinas são obrigatórios, sendo as demais disciplinas eletivas.

Nas ementas das disciplinas Expressão Vocal I e II propõe-se conhecer a fisiologia da voz, o aparelho fonador, técnica vocal em repertórios diversos, cuidados com a voz, noções de interpretação, registro e classificação vocal. No terceiro semestre estão previstos os “aspectos didático-pedagógicos da técnica vocal”, aplicação da técnica vocal e interpretação individual e coletiva enquanto no semestre seguinte tem-se o estudo de metodologias para o ensino da voz cantada e o estudo da voz falada. Nos últimos semestres, V e VI, continua-se

com o ensino da prática pedagógica do canto com o aprimoramento da técnica vocal, interpretação e aplicação de conteúdos em repertório vocal.

Nas disciplinas de Prática Coral I a IV tem-se o desenvolvimento de prática vocal em conjunto, com o aprimoramento vocal, expressivo e com qualidade sonora. Estudo de obras coral de várias épocas, estilos e autores, a capela ou com acompanhamento instrumental e apresentações públicas. Na Prática de Regência I a IV são abordados a regência na história, sua função e a do regente, preparação do regente, organização de naipes do coral, divisão de vozes, gestos da regência e a aplicação em repertórios diversos para o contexto educacional. De acordo com a grade curricular do curso, quando o estudante inicia o estágio curricular supervisionado já cursou, pelo menos, as disciplinas obrigatórias: Prática Coral I e II, Prática de Regência I e II e Grupos Musicais - Expressão Vocal I e II.

Os requisitos para a seleção dos estagiários que participam deste estudo foram: (a) estar matriculados na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III; (b) o projeto de estágio ter como foco as atividades cantadas; (c) ter disponibilidade e interesse em participar da pesquisa; (c) compatibilidade de horários entre estagiário e pesquisador. É importante destacar que antes de iniciar a atuação no campo de estágio, os licenciandos fazem o estágio de observação para ter subsídios para elaborar um projeto que é defendido publicamente e avaliado por um professor do curso ou por um professor convidado de outras instituições de ensino.

Assistir às defesas dos projetos permitiu conhecer as intenções pedagógico-musicais dos estagiários e, assim, convidá-los a participar da presente investigação. Dessa forma, foram selecionados dois licenciandos que, em seu projeto, escreveram que o objetivo principal é “desenvolver as capacidades de execução vocal e de conhecimentos sobre a voz a partir da execução de um repertório”, com uma turma de alunos do ensino médio. Com um dos estagiários já foi realizada a entrevista narrativa.

Entrevista narrativa

A entrevista narrativa, conforme os esclarecimentos de Muylaert e colaboradores (2014), se caracteriza como uma ferramenta não estruturada que objetiva a profundidade de

aspectos específicos. O entrevistado é encorajado e estimulado a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida. Histórias de vida emergem das narrativas. Nesse tipo de entrevista a pergunta inicial é um convite para que o entrevistado conte a sua história. Segundo Flick (2009) essa pergunta é chamada de questão gerativa narrativa e, usando as palavras de Hermanns, exemplifica como construí-la:

Eu quero que você me conte a história da sua vida. A melhor maneira de fazer isso seria você começar pelo seu nascimento, desde bem pequeno, e, então, contar todas as coisas que aconteceram, uma após a outra, até o dia de hoje. Você não precisa ter pressa, e também pode dar detalhes, porque tudo que for importante para você me interessa. (HERMANNNS, 1995, p.182 apud FLICK, 2009, p.110)

Esse exemplo foi usado para elaborar a pergunta de entrevista, porém contemplando a temática desta pesquisa: Eu quero que você me conte como o canto entrou em sua vida. Gostaria que você contasse como foi o seu primeiro contato com o canto e o que o fez cantar. Você pode iniciar lembrando a sua infância e, depois, contar todas as coisas que aconteceram relacionadas ao canto nessa trajetória, contando o que te trouxe até os dias de hoje destacando como você consegue desenvolver atividades cantadas em seu estágio. Você não precisa ter pressa, e pode dar detalhes, porque tudo que for importante para você me interessa.

Flick (2009) acrescenta que quando o entrevistado inicia a entrevista narrativa não se pode interrompê-lo, pois a qualidade dos dados depende disso. Somente quando o entrevistado termina a sua narrativa é que o entrevistador poderá acrescentar alguma pergunta ou comentário, sempre com o cuidado do que será acrescentado para não causar constrangimentos ou qualquer desconforto. A pergunta acrescentada ao estagiário foi: O que teve de mais importante na sua formação para hoje você estar fazendo um projeto de estágio focado no canto?

A entrevista foi realizada no mês de maio nas dependências da universidade e durou uma hora e meia. Com o áudio em mãos, foi possível a sua transcrição que, em seguida foi enviada ao estagiário para revisá-la com o intuito de aprovar o que disse e tendo a liberdade para acrescentar ou excluir certos dados. A análise do conteúdo da entrevista foi dividida em

categorias e, entre elas, selecionamos para este trabalho discutir sobre a representação do bom professor, a trajetória acadêmica em canto e o processo da redescoberta vocal.

Discutindo os dados

Representação do bom professor

O estagiário entrevistado afirma que sempre teve o desejo de ser professor. Não sabia de que matéria, mas sabia que iria trabalhar com o ensino. Esse desejo foi o que o motivou a iniciar a construção de sua trajetória de formação docente. Fez vestibular para Licenciatura em Música e Licenciatura em História, porém acabou optando pela música. Já tocava violão e guitarra, gostava de rock e heavy metal, e usava cabelo comprido. Ao entrar no curso acabou por ser “arrebataado pela música”. Entretanto, ao final do terceiro semestre da licenciatura resolveu pedir transferência para o Curso de Bacharelado em Música, instrumento violão, por não se sentir satisfeito com a prática musical. Ele destaca: “meu propósito era me munir de bagagem musical e de experiências musicais para ser um melhor professor”.

Frente ao exposto, poderíamos discutir três pontos: estereótipo do músico, ser bom professor e ser músico para ser professor. Os dois últimos temas são os que mais se relacionam com este estudo e, por isso, deixaremos para outra oportunidade a discussão sobre as imagens mentais construídas para representar valores, interesses e posições. De acordo com Cunha (2010) não existe um consenso sobre o que se pode considerar um “bom” professor. Porém, há a preocupação de identificar e descobrir técnicas e métodos de intervenção pedagógica mais eficazes que são objeto de diversas investigações. Essa busca por esse modelo ideal de professor justifica-se pela tentativa de melhorar o ensino e a educação.

Na pesquisa de Trombeta (1997), os aspectos que mais apareceram sobre as características de um bom professor foram os relacionados às características pessoais do professor e a relacionamentos humanos e interação social. Nas palavras do autor: “O importante parece ser o professor estar próximo, interessado e preocupado com o aluno, não

só com seu rendimento escolar, mas com o aluno como pessoa” (p. 74). Para isso, as interações pessoais que se estabelecem precisam ser abertas e amigáveis, a fim de favorecer um ambiente mais propício à aprendizagem. Apesar do texto ser da década de 1990 e relativo ao contexto escolar, aponta questões atuais acerca das interações sociais que acontecem em qualquer espaço de formação.

Em uma das narrativas, o estagiário comentou que um de seus professores, na Licenciatura, acolheu suas necessidades como aluno e que o percebeu como pessoa, o que para ele fez toda a diferença em sua trajetória: “[ela] acolhia bastante o sentimento dos seus alunos e naturalizava muitas coisas, enfim, hoje eu tenho percepção de que isso foi muito positivo”. Acrescentou, ainda, que quando ele precisava da “libertação de expressão e emoção”, a professora foi primordial em sua formação como cantor e professor de canto. Sobre isso, Cunha (2010, p. 42), refletindo sobre a representação de um “bom” professor, diz que “características reveladoras de alguém psicologicamente equilibrado, emocionalmente estável (disponibilidade afetiva positiva), social e interessado pelos alunos, ajudam a descortinar aquilo a que chamamos um ‘bom’ professor”.

A necessidade de ser primeiro músico e depois professor está relacionada à concepção de que para ser um bom professor de música é preciso saber tocar, ser um bom músico. Mateiro (2007) ao estudar os fatores que motivam e influenciam os jovens a escolher um curso de Licenciatura discute o processo “do tocar ao ensinar”. Grande parte dos entrevistados optou pelo curso para aprimorar os conhecimentos musicais e tocar um instrumento enquanto poucos responderam que gostariam de ser “bons” professores. Segundo Penna (2007), o preceito “quem não toca, ensina” que, por sua vez, tem origem no ditado popular “quem não sabe, ensina”, carece de análise, pois não basta tocar. Os cursos que formam músicos, normalmente, estão fundamentados no modelo tradicional, caracterizando-se pela ênfase no domínio da leitura e escrita, e da técnica instrumental que tem como finalidade o virtuosismo.

Quando o entrevistado trabalhava como professor de canto e violão prezava bastante pela “noção de um perfeccionismo do evitar o erro ao último, a todo custo, o desenvolvimento da técnica como o ápice do ensino instrumental no ensino de música”. Entretanto, ressalta que essas ideias não surgiram porque ele cursou bacharelado, pois

percebe que “muitos instrumentistas que são formados em licenciatura têm as mesmas concepções de ensino instrumental”. Esse tipo de ensino, conforme Penna (2007), é uma referência legitimada para o ensino de música que pode funcionar em escolas especializadas, mas não em salas de aula, no contexto escolar.

Na escola de educação básica é necessário lidar com diferentes condições de trabalho e vivências musicais, repertórios e expectativas que os alunos têm sobre as aulas de música. Para Penna (2007) é necessário, além de tocar, compreender as necessidades e potenciais dos alunos, ter compromisso social, humano e cultural para atuar em diferentes espaços e comprometer-se em acolher diferentes culturas e funções sociais da música em cada contexto. Foi considerando esse contexto que o entrevistado conta que retomou o curso de Licenciatura em Música. Ele sublinha que planejou uma trajetória de formação denominando-a como “arco grande de formação docente”, que passa pela procura de uma maior prática musical, ou seja, “uma jornada de aprofundamento de conhecimentos musicais, práticas docentes de ensinar e refletir sobre sua própria prática”.

Trajetória acadêmica em canto

O canto surgiu na história do estagiário quando teve de optar, no momento de sua primeira matrícula para o curso de Licenciatura em Música, entre flauta doce, percussão ou expressão vocal. Por eliminação escolheu expressão vocal. Quando trocou de curso continuou frequentando disciplinas eletivas de prática vocal e frequentando cursos outros, fora da universidade, pois descobriu que o canto era, para ele, uma forma de expressar seus sentimentos.

Para desenvolver atividades cantadas em seu estágio, o acadêmico não conseguiu nomear o que foi fundamental nesse processo, afirmando que foi “o todo”. Falou que as aulas de expressão vocal, canto coral e regência aliadas à prática de regência e corais como cantor, e os cursos que fez fora da graduação são peças desse todo. “Se tirar uma das peças, você desmontou tudo”, concluiu o entrevistado. Interessante como o estudante articula a sua formação: reconhece cada “peça” como partes separáveis entre si e em relação ao todo, assim como reconhece a importância de articulação entre os conhecimentos para formar o “todo”.

Apesar das aulas de expressão vocal terem dito um importante papel em seu processo de formação, na opinião do licenciando, essas aulas deveriam ser ministradas por um professor que tenha a vivência de sala de aula em escolas de educação básica, para que possa orientar, com competência, os licenciandos a trabalhar com canto nesse contexto. Nessa disciplina é necessário o treino da voz falada, considerando a saúde vocal do professor como primordial no processo de formação docente. Nesse sentido, Gaborim e Egg (2018) explicam sobre a importância de conscientizar os professores a respeito dos cuidados com a voz e dos bons hábitos de saúde vocal. Ademais, apresentam elementos teóricos de fisiologia vocal e aspectos práticos da preparação vocal que, trabalhados conjuntamente, constroem a educação músico-vocal, tanto do professor quanto das crianças.

Além disso, o estudante em formação, ressalta que é importante estudar sobre desafinação vocal, voz infantil e voz na adolescência, bem como discutir acerca da sociopsicologia – ou psicologia social, que estuda as interações dos indivíduos entre si e com a sociedade ou cultura (ver FERREIRA, 2010). O entrevistado destaca que é possível trabalhar com expectativas sociais a respeito da voz cantada. Por fim, reconhece que não é possível dar conta de tudo isso na disciplina de expressão vocal, mas pontua a primordialidade em se fazer pontes com a antropologia cultural e a educação, por exemplo. Nesse sentido, Aquino (2017, p. 156) afirma: “De fato, o processo de construção individual do professor de música perpassa a formação técnica do musicista, englobando uma perspectiva de formação humanística mais abrangente”.

O relato de Guizado e Moreira (2016), que analisa a disciplina Instrumento Musicalizador – Técnica Vocal de um curso de Licenciatura em Música, ressalta que a professora deixou claro que as “aulas não objetivavam formar um cantor *performer* ou solista” (p. 5), mas seu interesse era ensinar a cantar e ensinar a ensinar. Os estudantes eram estimulados a buscar outros meios para desenvolver um trabalho individual específico, uma vez que as aulas eram em grupo e não proporcionavam o aprimoramento da técnica e de um repertório adequado à voz de cada um. Fica claro o desafio pedagógico do professor para desenvolver a emissão vocal dos licenciandos no sentido de se formarem cantores autônomos e educadores musicais.

Processo da redescoberta vocal

Durante a narrativa o estudante de licenciatura contou que sua formação como professor de canto e cantor foi intensificada e aperfeiçoada por conta de uma doença que afetou os músculos da laringe e que o fez repensar toda a sua forma de ensinar a cantar. Dedicou-se a conhecer profundamente o seu aparelho fonador e, isso, foi fundamental para poder voltar a cantar e dar aulas como antes. Ele ressalta: “o processo de redescoberta vocal me tornou um profissional da voz muito mais competente, assim, anos-luz mais competente do que eu era antes”.

Pode-se notar como a vida pessoal influenciou diretamente sua formação em canto e, de certa forma, mostrou que através disso, ele descobriu que o fator essencial para o trabalho com o canto é a pessoa, pois o instrumento está no corpo. Todo o emocional e físico afeta a voz. Como o próprio acadêmico acrescenta: “voz é emoção, é personalidade”. O processo de conhecer sua voz e desenvolvê-la passa pelo processo de autoconhecimento e encontro da própria identidade.

Como professor de canto, o estagiário lembra que passou por um processo formativo e encontrou onde está o seu prazer na profissão, sua motivação como professor e sua identidade: “a minha satisfação profissional não gira mais somente em torno de ter uma boa realização vocal esteticamente. Lógico que isso dá prazer, mas o foco agora é outro”. Ressalta que o foco é “o desenvolvimento vocal sócio, intelectual, emocional, psicológico, enfim, é o desenvolvimento integral do ser humano que está ali”. A prática pedagógico-musical do entrevistado é, portanto, construída nesse processo de autoconhecimento.

Identidade e experiência são termos complexos que tem relação entre si, uma vez que, como bem define Larrosa (2004, p. 13), “o sentido de quem somos é análogo à construção e interpretação de um texto narrativo e, como tal, obtém seu significado tanto nas relações de intertextualidade que mantém com os outros textos como de seu funcionamento pragmático em um contexto”. O que somos e quem somos é um jogo de interpretações, pois conduz à compreensão do indivíduo como uma construção social em um processo com início, meio e fim.

Quando perguntado se sentia mais professor de canto ou mais professor de regência, o licenciando respondeu que esses dois caminham juntos e que não vê diferença. O professor de canto rege o aluno e o regente deve também ser um pouco professor de canto. Segundo Lacerda (2018), em sua pesquisa realizada sobre a formação do regente coral, há a necessidade do regente ser também um professor de canto, além de educador musical: “o regente precisa incorporar a função de preparador vocal à sua prática profissional” (p. 123). Ele, então, se reconhece como professor de música: “A minha identificação é: eu sou professor de música, eu sou professor de música que trabalha com diversas áreas”.

Considerações finais

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em andamento e, por isso, apresentamos apenas a análise dos dados obtidos em documentos e em uma entrevista narrativa realizada com um estudante de um curso de Licenciatura em Música. O objetivo principal da pesquisa é investigar como as atividades cantadas são desenvolvidas pelos estagiários nas aulas curriculares de música. Porém, para esta comunicação analisamos e discutimos sobre três temáticas que emergiram da entrevista: a representação do bom professor, a trajetória acadêmica em canto e o processo da redescoberta vocal.

As entrevistas narrativas têm sido utilizadas, de maneira geral, para estudar a trajetória formativa de professores. Pensamos nesse recurso, característico da pesquisa qualitativa, para investigar a formação vocal de estagiários e, neste caso, de um estagiário. O contar uma história remete a memórias, reconstruindo e interpretando fatos. Percebemos que o estudante em formação não informava sobre suas experiências, mas ao contar sobre elas refletia e, talvez, teve a oportunidade de pensar em algo que ainda não havia pensado. Ele reviveu momentos de sua formação tanto nos cursos de Licenciatura em Música e Bacharelado em Música como em outros espaços como, por exemplo, aulas particulares de canto.

Ter como sujeito de pesquisa um estagiário nos fez conhecer o curso em que está inserido, procurando entender os princípios da Proposta Político Pedagógica e as disciplinas que compõem o eixo da prática vocal e do estágio curricular supervisionado. Observamos que

a possibilidade para a formação vocal se dá em diversas disciplinas de Prática Coral, Prática de Regência e Expressão Vocal. Do mesmo modo, conhecer o formato das disciplinas de estágio foi importante para compreender como os estudantes elaboram um projeto de estágio e são inseridos no contexto escolar. A defesa de projetos destaca-se como metodologia de formação e nos remete a pensar sobre quão essencial é o planejamento para que a ação da prática seja eficaz e motivadora.

Constatamos que o estagiário se viu refletindo sobre o seu processo de formação docente, afirmando suas concepções e pensamentos acerca de sua formação vocal. Desse modo, a entrevista narrativa foi também um processo de autoconhecimento para o acadêmico, que se revisitou e se reafirmou como professor, além de redescobrir sua motivação e o que o satisfaz pessoalmente como professor de canto. Ao mesmo tempo em que ele respeitava o que era importante para si, ele também se formava como professor de música, ou melhor ainda, como o professor de música que ele escolheu se tornar.

A ideia de ser um “bom” professor perpassou vários momentos da narrativa. Podemos reconhecer a ambição do estudante que, depois de ter cursado um ano da Licenciatura em Música, decide querer mais prática instrumental e ingressa no Bacharelado. Interessante é que anos depois ele retorna à Licenciatura para concluir sua formação docente. Nesse movimento, inferimos sobre suas possíveis concepções acerca da necessidade de ser primeiro músico e depois professor, das relações que se estabelecem entre professor e aluno e, ainda, das concepções sobre o estudo da voz.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos de. *Tornar-se professor de música na educação básica: um estudo a partir de narrativas de professores*, Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ABREU, Delmary Vasconcelos de. Narrativas de profissionalização docente em música: uma epistemologia política na perspectiva da Teoria Ator-Rede. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 23, n. 35, p. 125-137, 2015.

ABREU, Delmary Vasconcelos de. História de vida e sua representatividade no campo da educação musical: um estudo com dois Educadores Musicais do Distrito Federal. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, v. 23, n. 45, p. 207-227, 2017.

ALMEIDA, Jéssica de. *Biografia músico-educativa: produção de sentidos em meio à teia da vida*, Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

AQUINO, Sandra Kalina Martins Cabral de. *Os sentidos da performance e da docência à luz da Logoterapia: um estudo com professores de instrumento em duas universidades do Nordeste*, 2017, Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2017.

CUNHA, António Camilo. Representação do “bom” professor: o “bom” professor em geral e o “bom” professor de educação física em particular. *Educação em Revista*. Marília, v. 11, n. 2, p. 41-52, 2010.

FERREIRA, Maria Cristina. A Psicologia Social Contemporânea: Principais Tendências e Perspectivas Nacionais e Internacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 2, n. especial, p. 51-64, 2010.

FLICK, Uwe. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____, Uwe. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GABORIM, Ana Lúcia Iara; EGG, Marisleusa de Souza. Cantando na escola: caminhos e possibilidades para uma educação músico-vocal. *Revista Nupeart*, Florianópolis, v. 19, p.36-53, 2018.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª ed., São Paulo: Atlas, 2008.

GUIZADO, Gabriel Scatena; MOREIRA, Ana Lúcia Iara Gaborim. A técnica vocal na formação do educador musical: relato de experiência num curso de Licenciatura em Música. In: ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ABEM, XIV., 2016, Cuiabá. *Anais*. Cuiabá: ABEM, 2016.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2004.

LACERDA, Felipe Damato de. *A Formação do Regente Coral: Um estudo a partir de dois Cursos de Bacharelado na Região Sul do Brasil, 2018*, Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade do Estado de Santa Catarina: Florianópolis, 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a narrativa e a identidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-22.

LOURO-HETTWER, Ana Lúcia de Marques; TEIXEIRA, Ziliane L. O.; RAPÔSO, Mariane M. (Orgs.). *Aulas de músicas: narrativas de professores numa perspectiva (auto)biográfica*. Curitiba: CRV, 2014.

MATEIRO, Teresa. Do tocar ao ensinar: o caminho da escolha. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 2, p.175-196, 2007.

_____, Teresa. Preparing Music Teachers in Brazil. In: ARÓSTEGUI, José Luis(ed.), *Educating Music Teachers for the 21st Century*. Rotterdam: Sense Publishers, 2011, p. 147-174.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR., Vicente; GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite; REIS, Alberto Olavo Advincula. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista Esc Enferm USP*. n. 48 (Esp2), p. 193-199, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Eliseu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Colaborações no Campo Educacional. *Revista Investigación Cualitativa*, v.2, n.1, p. 6-26, 2016.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 16, n.16, p. 49-56, 2007.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. *Identidades Musicais de Alunas de Pedagogia: músicas, memória e mídia*. 2003. 176f, Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. Entrelaçamentos de lembranças musicais e religiosidade: “quando soube que cantar era rezar duas vezes”. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 11, p. 63-68, 2004.

TORRES, Maria Cecília. Narrativas dos movimentos de uma tese: apresentar as entrevistadas e narrar o narrado. *Ouvirouver*, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 644-657, 2017.

TROMBETA, Luiza Helena Albertini Padula. Características do bom professor segundo a percepção de estudantes de Psicologia. *Estudos de Psicologia*. v. 14, n.2, p. 71-74, 1997.